

Por isso lhe digo adeus

Às duas horas da tarde, no alto da ponte do Brooklyn, percebo de repente que estou me despedindo de Nova York. Olho para baixo e vejo quatro rebocadores arrastando com dificuldade a carcaça de um antigo cruzador. Ao longe um navio ganha lentamente a barra, parece que é um navio de passageiros. Novas pessoas estão chegando a Nova York agora, neste momento, enquanto eu me despeço.

Eu me despeço. Na parte sul da ilha de Manhattan, lá para os lados do mar, onde deve estar a Estátua da Liberdade, a neblina obscurece tudo, apagando o contorno dos últimos arranha-céus. Mas o mar está presente, irresistível. No mar reviverei lembranças, decantarei talvez o amor de tantos deslumbramentos e decepções, apurarei em enjões de primeira viagem o saldo de minhas lembranças.

É uma cidade poderosa, esta. Dela muitos já disseram coisas. Já cantaram sua força, o mecanismo de sua glória, o fascínio de suas solicitações. Seria inútil que eu viesse agora estender sobre a ponte do Brooklyn um adeus passado que rola apenas com o olhar pelas águas do East River, que se perde para sempre no limite de outras pátrias, que se afoga no tédio das despedidas. É uma cidade que dissolve o tédio, Nova York. Zomba do ridículo de suas próprias contradições, cidade marcada, escolhida pelo dedo de Deus para o primeiro sinal dos tempos. Tantas luzes não bastariam nas ruas e nos edifícios, nem os anúncios

luminosos, nem a garrafa de Coca-Cola que um dia cogitaram de instalar como torreão no alto do Empire State Building, nem as milhões de lâmpadas da Broadway, todo o poderio deslumbrante dos dínamos e geradores, nada disso bastaria para neutralizar a ordem que um dia sucederá ao caos — destino de uma cidade. Desta cidade eu me despeço.

ALÉM DA PONTE, do outro lado do rio, a fumaça obscurece ainda mais o céu, desabrochando das chaminés em manchas que o vento não chega a desfazer. Estou dentro de um táxi dirigido por um negro que, justamente quando mais intensa vai minha despedida, começa a se justificar por assobiar tão mal o "Mood Indigo", alegando insuficiência de dentes, segundo ele perdidos durante a guerra em consequência de uma explosão na África do Norte. A ponte é longa, e a travessia se faz lenta e cuidadosa, por causa da fina camada de gelo que ainda cobre o pavimento. Exatamente no meio dela, o chofer de outro táxi, cujo pneu em má hora resolveu esvaziar-se, grita exasperado que passem, passem todos, pelos lados, por cima, por onde queiram, mas que pelo amor de Deus parem de buzinar pedindo passagem. Resolvido afinal o impasse do tráfego, continuamos a travessia. Aproveito-me da história dos dentes para perguntar ao ex-soldado como ele reagirá quando for chamado para a próxima guerra. Responde-me apenas que reagirá: não irá nem amarrado, porque sabe muito bem que essa idéia de guerra é invenção dos ricos para ficarem mais ricos e mandarem os pobres para o inferno.

— Quando devia ser justamente o contrário — acrescenta, com convicção.

ATRAVÉS DAS ARMAÇÕES de ferro posso ver agora os telhados das casas e as primeiras ruas do Brooklyn. A ponte do Brooklyn me faz lembrar García Lorca e Maiakovski, cujos versos um dia cobriram-na a meus olhos de uma beleza rígida e tanto mais desconcertante quanto difícil deve ser extrair poesia de estrutura tão desgraciosa. Lembra-me também Stephen Spender, com quem por ela passei uma noite a caminho da casa de Marianne Moore — e parece impossível que tantos poetas juntos, reunidos pela lembrança sobre uma ponte, façam afinal de sua travessia nada mais que um mero pensamento de despedida — coerente, aliás, com a ação que o concretiza: despeço-me porque vou-me embora.

NÃO É ASSIM tão fácil deixar para sempre uma cidade, qual quer que seja ela. Difícil já esta sendo, para começar, deixar o apartamento que ocupo, cujo dono, que me exigiu luvas para entrar, só falta exigir-me luvas para sair. Mais difícil foi vender por 150 dólares a mobília que tive de comprar por 200, apesar dos inúmeros melhoramentos nela introduzidos — inclusive a poltrona vermelha que conta agora com um pé de madeira autêntico, em lugar dos catálogos de telefone que a amparavam. Difícilimo, quase impossível, foi fazer o novo dono da mobília aceitar com ela os cuidados que deixarei atrás de mim, juntados por prementes necessidades domésticas de quem nunca pensou em viver aqui e foi ficando: painéis, vassouras, talheres e um espremedor de laranja, no qual gostaria de espremer a língua do vendedor que me assegurou tratar-se da última palavra numa cozinha moderna. De tudo, porém, o que nas mudanças maior dificuldade cria é a capacidade de adaptação exigida ao nosso vulnerável comodismo de ocasião, é o desprendimento gregário que nos leva a passar de um

bando para outro bando, ou de uma vida para outra vida anterior que o tempo já apagou e que a viagem de volta não consegue mais reatar. Viver é perder amigos, falou o poeta de Itabira, e os maus fados acrescentam que revê-los é uma forma de desviver.

E nem só nesse terreno, um tanto frouxamente sentimental, a necessidade de regresso sofre a erosão do tempo e da distância. Há mesmo amizades apenas suspeitadas que a própria distância se encarrega de solidificar. São imperativos de ordem mais imediata que fazem tão lenta e preguiçosa qualquer idéia de regresso. Diariamente estão chegando a Nova York pessoas que só sabem trazer notícias da desordem política e financeira do Brasil. Fazem recuar espavoridas as melhores intenções daqueles que sempre pensaram na partida e já estavam a ver navios: "a insegurança e a incerteza do governo bastava para trazer os ânimos em constante apreensão." Não sei se foi Rui Barbosa que exprimiu numa frase assim ou parecida, célebre como exemplo de cordância no meu tempo de ginásio, um sentimento que anos mais tarde vem repetir-se para os brasileiros residentes em Nova York, e que os que chegam só sabem exprimir em poucas palavras e largos gestos, nem por isso menos cordantes: o custo de vida subiu vertiginosamente, a política continua aquela mesma desmoralização, as filas triplicaram de tamanho, a miséria do povo cresceu, os alugueis aumentaram, os gêneros desapareceram. Conheço um brasileiro que por causa disso está em Nova York há vinte anos, sofrendo a imposição de problemas bem mais graves, sempre a dizer, já com sotaque, que breve voltará para o Rio, onde morou na Rua São Pedro. Mal sabe que a Rua São Pedro deixou de existir para que abrissem uma avenida chamada Presidente Vargas, que esta avenida já mudou de nome... — ou ainda não mudou? Preciso urgentemente voltar.

Por isso me despeço desde já. Olho para cada lugar onde passo procurando fixar pela última vez cada detalhe, cada rosto, cada lembrança. Recebo a título de bonificação o olhar distraído de uma jovem que nunca mais verei. Nunca mais cruzarei a ponte do Brooklyn. Mas agora estou me despedindo de Nova York. Levo de Nova York este sentimento de despedida, mais um filho e uma geladeira. Se fosse possível levaria também meu amigo Jayme Ovalle, que me custa tanto deixar aqui. E o espanhol Manrique, o novelista Migueis, a telefonista June, o negro Jimmy Barnes e ainda, como se não bastasse, esse grande barbeiro catalão e amante da música que atende pelo nome puramente acidental de Pomada.

Prefiro levar comigo apenas a certeza de ter vivido numa cidade. Nela estou deixando dois anos de minha vida. Não percorri os Estados Unidos, não frequentei cursos, não conheci celebridades. Em compensação, privei da amizade de Mr. Lodge do *drugstore*, que me deu umas caixas de papelão para encaixotar os livros e a quem prometi escrever. O francês Bertin me fez compreender por que tudo na Europa é difícil, mas possível, e tudo na América é fácil, mas impossível. A Jimmy Shure, que tanto me ajudou, deixarei uma garrafa de *scotch* como despedida; a Mrs. Caress, que me furtava no aluguel, desejo que a terra lhe seja leve. Estou me despedindo. Gostaria de narrar outras histórias, falar da política americana, referir-me aos preparativos para a nova guerra. Bem ou mal, sempre há o que dizer e continuarei escrevendo alegremente até a hora da partida, que será triste, se chegar a partir. Agora, porém, estou me despedindo. O essencial é ficar assegurado desde já que, olhando há pouco para Manhattan, do alto da ponte do Brooklyn, senti num só bloco a grandeza e a miséria de uma cidade inteira, naquela prrenúnciação de fatalidade que só as despedidas trazem. Por isso lhe digo adeus.

IN: SABINO, Fernando. "As melhores músicas de Fernando Sabino". Rio de Janeiro: Burt Bello, 2008, pag. 183 - 187.